

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
 Centro Regional do Porto  
 Faculdade de Teologia

HUMANÍSTICA E TEOLOGIA  
 Publicação Quadrimestral  
 ISSN 0870 — 080X

## Experiência cristã de Deus e programação pastoral

Edição e propriedade da Faculdade de Teologia  
 Rua Diogo Botelho, 1327 (Tel. 680236)  
 4100 PORTO  
 PORTUGAL

### Assinatura Anual

Portugal . . . . .	1200\$00
Estrangeiro . . . . .	US\$18.00

### Fascículo avulso

Portugal . . . . .	450\$00
Estrangeiro . . . . .	US\$ 7.00

Ano 11 — Setembro-Dezembro de 1990 — Fasc. 3

Director: Carlos A. Moreira Azevedo

### Conselho da Direcção:

Angelo Alves  
 António Maria Bessa Taipa  
 Joaquim Monteiro  
 Manuel de Pinho Ferreira

1990

### Composto e impresso:

Editora Correio do Minho — Braga

Depósito Legal: 18086/87

### INTRODUÇÃO

Situa-se este tema na área da teologia fundamental, contendo o mais genuíno da vocação cristã e procurando articular e relacionar, em tensão fecundante, dois pólos que parecem opostos: a experiência de Deus e a programação pastoral.

Com efeito, o homem leva impresso no seu próprio ser o selo identificador da sua criatura finita e a aspiração-apelo à Infinitude, que sempre o transcende e plenifica.

O cristão vê este quadro aferidor claramente definido em Jesus Cristo que em tudo se assemelha ao homem (menos no pecado) e é a imagem perfeita de Deus. Além de ver, o homem-cristão sente-se atraído por este modo de ser e, reconhecendo nele o melhor de si mesmo, abre-se a uma possível relação de comunicação, tendendo progressivamente a experienciar e a viver a intercomunhão pessoal, previamente intuída e desejada.

Esta vocação original cristã revela-nos em Cristo o dinamismo circulante de Deus para o homem e viceversa. É um dinamismo impresso na própria natureza, que brota das energias mais vitalizadoras da consciência humana, estimulada pelos condicionalismos históricos envolventes, e se configura cada vez mais como um dom divino e uma tarefa humana.

É um dinamismo interpessoal a que ninguém tem acesso directo, a não ser os interlocutores. É um dinamismo que se repercute em dados observáveis expressivos (reacções, emo-

ções, gestos e práticas, atitudes e comportamentos...). É um dinamismo que pode ser favorecido e provocado mediante a convergência oportuna de alguns factores e a criação de condições propiciadoras ou a remoção de possíveis obstáculos.

Esta convergência pode ser espontânea ou programada, informal ou preparada, ocasional ou permanente.

Seja qual fôr a modalidade é sempre um serviço àquele dinamismo para que a comunhão interpessoal de Deus com o homem se revele e reconheça, se intensifique e valore, se acolha e experiencie como dom generoso, e assuma como apelo-resposta cada vez mais humanizante e plenificador.

A programação pastoral surge conseqüentemente como uma modalidade específica da vocação-missão da Igreja, mistério de comunhão e sacramento de salvação.

É modalidade que expressa a relação interpessoal impregnada de energia divina, e procura servi-la, criando ambiente favorável, organizando racionalmente recursos e propondo iniciativas propiciadoras. É modalidade que reveste as características de mediação transitória e precária para ceder lugar ao encontro sublime. É modalidade que, na actual economia da salvação, oferece uma das formas de acção apostólica em maior consonância com a fase histórica em que vive a humanidade e com os métodos de trabalho que são fruto das capacidades racionais da pessoa humana.

Sendo assim, a programação pastoral surge como um dos âmbitos novos, a par de outros como a realidade material, o compromisso temporal e a marginalidade sofrida<sup>1</sup>, em que pode dar-se a experiência religiosa e cristã. Ampliam-se e enriquecem-se, por conseguinte, os 'lugares' tradicionais (culto, oração, meditação, contemplação...), reconhecidos oficialmente.

A vida e a multiplicidade das suas formas de existência e a complexidade das suas situações, o uso inteligente das capacidades racionais do ser humano e as metodologias a que dão origem, a relação solidária e fraterna com o mistério do outro,

<sup>1</sup> Cf. A. GUERRA, *Experiencia cristiana*, em *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, Madrid, Ed. Paulinas, 1983, 494.

o respeito e a contemplação da sua alteridade constituem espaços em que pode realizar-se aquela experiência, tornando-se acessível à normalidade dos cristãos.

Configurar e aprofundar, ainda que sumariamente, a nova possibilidade que a programação pastoral representa e comporta no âmbito da experiência cristã de Deus é o que pretendo com esta reflexão teológico-pastoral.

Dedico uma 1.<sup>a</sup> parte à caracterização da experiência cristã como sintonia com a Vontade de Deus, procurada e vivida com admiração e temor por meio do discernimento. Descoberta Esta vontade por meio das suas expressões, ou identificado o querer de Deus pelos sinais da Sua presença ou da Sua ausência na realização do projecto de salvação, surge a resposta colaborante do homem, dada na fé que opera pela caridade, mediante a força da esperança.

Esta resposta-colaborante e aquilo que a tipifica no quadro geral da programação pastoral será tratada numa 2.<sup>a</sup> parte.

A caracterização da experiência cristã e a tipificação da programação pastoral são finalmente articuladas entre si, nos seus elementos principais, com a intenção expressa de formular uma conclusão que fica como hipótese a aprofundar posteriormente. É a 3.<sup>a</sup> parte.

## 1. EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE DEUS

Na experiência cristã de Deus confluem conceitos diversos que juntos revestem uma peculiar originalidade. Cada termo, em separado, tem o seu significado próprio e, em conjunto, revela o conhecimento de Deus à maneira de Jesus Cristo, feito vida e missão, expresso em gestos e palavras<sup>2</sup>.

É um conhecimento que brota da relação filial de Jesus Cristo com o seu ABBA, afecta a Sua pessoa toda, pondo em exercício todas as suas capacidades, e se revela na atitude consciente de cumprir a Vontade do Pai.

<sup>2</sup> Cf. X. PIKAZA, *Experiencia Religiosa y Cristianismo*, Salamanca, Ed. Sigueme, 1981, 307.

A Igreja nasce e vive por aquela relação e, como sacramento, está chamada a experienciar esse mistério de comunhão e a discernir os âmbitos em que ele irrompe e os vestígios que o podem anunciar.

### 1.1. Sentido teológico da experiência

A experiência de Deus é de nível qualitativo diferente ao das outras experiências humanas, em que o sujeito manipula o objecto fazendo experimentação físico-natural, mantendo uma relação coisificante com a pessoa ou fechando a intersubjectividade pessoal no seu próprio reduto, negando assim toda a abertura a horizontes de transcendência<sup>3</sup>.

É uma experiência que se faz e manifesta no conhecimento vivido conscientemente (vivência), e que gera uma certa conaturalidade entre o que se vive e a pessoa que o vivencia.

É uma experiência que se pode designar por expressões diversas, tais como misteriosa, religiosa, espiritual, sagrada, numinosa, mística, oceânica, sobrenatural, de graça de Deus.

É uma experiência que abarca a pessoa toda, na sua consciência, vontade e coração, e a marca profundamente no seu ser e agir.

É uma experiência que, em Jesus Cristo, se revela modelo das experiências plenificantes do homem.

### 1.2. A experiência de Jesus e suas notas mais relevantes

Jesus, em relação a Deus, faz uma experiência originalíssima, vivendo intensamente a sua realidade de Filho-Verbo do Pai.

Apesar de única e inacessível na sua profundidade, esta experiência emerge nas palavras e gestos de Jesus, brilha em todo o seu proceder e expressa-se na consciência da sua missão.

As comunidades cristãs primitivas recolhem alguns elementos que ajudam a caracterizar a originalidade desta experiência. Eis os mais comuns<sup>4</sup>:

<sup>3</sup> Cf. J. MARTIN VELASCO, *Las variedades de la experiencia religiosa*, em A. DOU, ed., *Experiencia Religiosa*, Madrid, U.P.C.M., 1989, 22 e 23.

<sup>4</sup> Cf. B. MAGGIONI, *Experiencia espiritual en la Biblia*, em *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, 519.

- Jesus de Nazaré é um homem lúcido em todas as situações, mesmo nas mais complexas em que pretendem enroscá-lo; homem que vai ao fundo das coisas e dos problemas, identificando a sua raiz profunda e procurando renová-la.
- Jesus é um homem religioso no sentido nobre do termo, vivendo a comunhão originante com Deus, revelando o seu rosto de Pai, fazendo sempre a Sua vontade.

Este fazer a vontade do Pai expressa-se na atitude de obediência incondicional, tão intensa e constantemente vivida que constitui o seu próprio alimento (Cf. Jo 4,34). É uma obediência reveladora, radical e transparente, da originalidade constitutiva da missão de Cristo.

Por esta atitude, em tudo quanto diz e faz, Jesus espelha com perfeição humana sublime a imagem do Pai que realmente é, convertendo o seu modo de proceder na manifestação mais perfeita do próprio Pai.

Alimenta esta obediência filial na relação profunda da comunhão-oração e expressa-a no amor a todos, mas sobretudo aos que o Sermão da Montanha proclama felizes.

- Jesus é um homem dado aos demais, generosa e livremente entregue aos outros. Consciente da sua missão, insere-se na história, assumindo-a com todo o realismo, vivendo entranhavelmente a 'causa do homem' com a qual se mostra sempre solidário. De facto, não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos (Cf. Mc. 10,45).
- Jesus assume as circunstâncias trágicas da sua morte como preço do que havia dito e feito, permanecendo confiadamente obediente e fiel ao querer salvífico de Deus. Morre como vive: sereno e paciente ante as provocações, livre perante tudo o que possa estorvá-lo ou dificultar-lhe o cumprimento da sua missão, resoluto e firme na defesa e promoção da fraternidade humana, entregue nas mãos do Pai, fazendo em tudo a Sua vontade, apesar da sensação de silêncio e de abandono a que se vê sujeito (cf. Mc. 14, 32-42).

A cruz converte-se na revelação última da originalidade de Jesus e do rosto de Deus-Pai que ela comporta, evidenciando a estrutura-base de toda a espiritualidade cristã: a abertura ao Pai, que se expressa na obediência e transparência, e a abertura aos irmãos que se concretiza na doação e na solidariedade<sup>5</sup>.

### 1.3. A Igreja-comunidade chamada a viver a experiência de Jesus

A Igreja surge como a comunidade dos discípulos de Jesus que, com decisão pronta, desprendimento total e participação plena, aceitam o chamamento feito (cf. Mc. 1, 16-20). Na relação dinâmica, que provém da vocação-apelo e da missão-resposta, está a originalidade do discipulado evangélico<sup>6</sup>. É uma relação interpessoal, vital, permanente e definitiva.

A experiência original do discipulado faz com que o discípulo assuma a causa do Mestre, procurando identificar-se progressivamente com o seu modo de ser e de agir.

Assumir esta causa é acolher filialmente a Deus como Pai e abrir-se aos homens como irmãos em humanidade, e implica a aceitação da cruz, com tudo o que ela comporta de conversão profunda e radical (cf. Mc. 8, 27-35), de negação de si mesmo e de perda-doação da própria vida (cf. Mc. 8, 34-35).

O caminho da cruz significa viver como dom, ser solidário, acolher os pequenos do Evangelho, vender os bens e distribuí-los pelos pobres, servir. Deste modo, pela cruz se chega à luz, e da paixão sofrida à ressurreição pressentida. Foi assim com o Mestre; assim será com o Seu discípulo.

Consequentemente, o discípulo fiel reconhece a autenticidade do seguimento quando aceita a cruz das limitações e debilidades, tem o sentido do tempo presente e espera activamente o Senhor (cf. Mc. 13, 5 e ss).

<sup>5</sup> Cf. *Ibidem*, 521.

<sup>6</sup> Cf. *Ibidem*, 522.

No Evangelho de Mateus, há um elemento especialmente importante para o nosso tema. É aquele que se formula na pergunta: Onde e como podemos encontrar o Senhor?

A resposta abre e fecha praticamente a narração deste evangelista. Jesus é o Deus connosco (cf. Mt. 1, 23) e está connosco todos os dias (cf. Mt. 28,20). Está connosco na comunidade reunida em Seu nome (18,20), na celebração eucarística (26,26), no anúncio da Palavra (28,20), nos missionários acolhidos com hospitalidade (10,40), nos pobres e marginados (25,31).

Face à renovação da ortodoxia judaica (pelos anos 70-80, d.C.), a originalidade cristã afirma-se em torno a Jesus Cristo e recupera a prática da caridade como centro expressivo da Vontade do Pai (cf. Mt. 5,48).

Fazer a Vontade de Deus é viver a caridade com que Deus ama os homens, é escutar a Sua palavra e pô-la em prática, é desenvolver ciosamente os talentos-capacidades próprios (cf. Mt. 25, 14-30), é reconhecer o Senhor nos 'âmbitos' onde se encontra, estar atento aos sinais dos tempos messiânicos (cf. Mt. 16, 1-3) e adoptar atitudes de serviço generoso (cf. Mt. 25, 31-46).

Na obra de Lucas (Evangelho e Actos), as exigências para seguir a Jesus atingem a sua radicalidade na vida quotidiana (cf. Lc. 9,13). É no 'coração' da vida, na luta pela sobrevivência de todos os dias ou na celebração festiva de algum sucesso feliz, no lar familiar ou na praça pública, ou em qualquer outra expressão da normalidade da existência humana, que se dá o seguimento de Jesus e se pode 'experimentar' o amor solícito e misericordioso de Deus-Pai (cf. Lc. 15).

Jesus está presente no 'coração da vida' que o discípulo contempla e acolhe com fé, na palavra que anuncia o seu amor incondicional, na comunhão fraterna que o revela, na fracção do pão que o identifica, no Espírito que o dá a conhecer plenamente.

O discípulo vive esta presença solícita e testemunha-a alegremente em todos os lugares (cf. Act. 1,8), percorrendo os caminhos

do mundo, comprometendo-se eficazmente na história (rica de possibilidades), assumindo a cruz da indiferença ou da reacção persecutória.

Na história se 'actualiza' o hoje da salvação, devido à acção do Espírito Santo. É Ele que garante a continuidade entre a experiência de Jesus e a dos discípulos (pessoas, grupos, comunidades, Igreja). É Ele que torna viva e eficaz a palavra. É Ele que está presente na oração insistente e confiada. É Ele que abre à missão a comunidade congregada. É Ele que guia com os seus dons (iluminação, conselho, sabedoria...) a Igreja e a impele a tomar decisões (cf. Act. 15), mantendo a liberdade do Evangelho, robustecendo e vivificando as relações fraternas, garantindo e selando a unidade.

O testemunho do discípulo-apóstolo brilha exemplarmente em S. Paulo que, centrado na cruz e na ressurreição de Jesus Cristo, faz uma experiência significativa do homem que vive de Deus nas situações complexas e contraditórias da história e, a partir daí, procura identificar o querer salvífico divino (cf. Rom 7-8).

Faz esta experiência apoiado na sabedoria e no 'método' da cruz (cf. 1.ª Cor 1, 17 a 2,6), vivificada pelo Espírito que nos foi dado (cf. Rom 8, 23).

S. João condensa, no prólogo do seu Evangelho, as notas características da relação experiencial que venho a apresentar com indicações sumárias.

Jesus é o Verbo de Deus que se faz carne e habita entre nós. Torna assim acessível e transparente a glória de Deus que é a salvação do homem. É da Sua plenitude que todos nós recebemos graça sobre graça, mediante o Espírito.

Alguns, porque O seguem e vivem da sua intimidade, experienciam o novo tipo de relação que veio inaugurar, e são constituídos em testemunhas qualificadas e anunciadoras solícitas (cf. 1.ª Jo 1, 1-4).

Esta relação expressa-se na alegria da vida que é luz e conhecimento da inteligência, força e decisão da vontade, confiança, justiça e amor do coração. É alegria da vida que se

faz sabedoria adquirida, fé reconhecida e visão intuída e desejada.

Jesus faz-se carne, assumindo plenamente a Vontade do Pai e identificando-se com ela. Cumpre assim a missão que Este lhe entrega (cf. Jo 4. 34).

#### 1.4. Vontade de Deus e Projecto de Salvação

A Vontade de Deus é uma expressão bíblica riquíssima de conteúdo. Identifica-se praticamente com o projecto de salvação que tem, em Jesus Cristo, o centro propulsor mais imediato.

A Igreja faz parte deste projecto divino, definindo-se como sacramento do mistério de comunhão que ela mesma comporta e revela (L.G. 1).

Os discípulos, membros vivos desta Igreja, pressentem e vislumbram aquela vontade salvífica por 'apetência' natural e dom espiritual (graça infusa).

Todavia estão envolvidos nas contradições e situações complexas do mundo. Pertencem à Igreja em que a condição humana do pecado coexiste com a da santidade que o Espírito lhe otorga. Sentem-se eles mesmos seres divididos e como que disputados por essas forças dinâmicas de salvação e de perdição.

A glória transparente de Deus parece que se esconde provocadoramente<sup>7</sup>. Às vezes dá a impressão de revestir formas que mais a ocultam do que revelam.

A inteligência humana depara-se então com este silêncio divino e com as possíveis formas de disfarce, ficando confusa e temendo ser iludida. O coração e toda a afectividade e sensibilidade não encontram o Amor vivificante e sentem-se tentadas a procurar novas formas de vitalização. A vontade e tudo o que a recheia vêem-se atraídas por forças diversas, perdendo vigor e capacidade de decisão (perplexidade) e tomando opções desviadas.

Acresce ainda uma outra situação paradigmática.

A Vontade de Deus expressa-se de muitas formas, como fica indicado.

<sup>7</sup> Cf. A. GUERRA, *Experiencia*, 492.

Perante essas formas, o espírito humano formula perguntas que, para o nosso tema, se podem resumir às seguintes: Como descobri-las e conhecê-las? O seu conteúdo, que relação terá com a Vontade de Deus? Em que consiste, aqui e agora, esta Vontade? Quem a deve procurar e a quem diz ela respeito? Neste processo de procura, que lugar haverá para a experiência cristã? Que relação pode existir entre o esforço humano e o dom de Deus?

Estas perguntas estão no centro do presente estudo. Surgem como conclusão lógica da reflexão anterior, onde encontram fundamentação e iluminação bíblico-teológica.

De todas elas, emerge a centralidade da Vontade de Deus na experiência cristã e conseqüentemente a necessidade de, a nível humano, procurar alguma via (métodos na vida espiritual, pedagogia propiciadora do acesso ao transcendente, planificação de recursos que ajudem a remover os impedimentos e a criar condições favoráveis à experiência) a que o homem carente possa recorrer.

Nas vias possíveis, tem lugar de relevo o discernimento, por aquilo que a seguir se apresenta.

### 1.5. Discernimento e procura da Vontade de Deus

A vitalidade cristã 'enxerta-se' e experimenta-se na vitalidade humana, constituída por pensamentos, sentimentos, actividades, tendências e relações com os outros e com as coisas, no tempo e no espaço, em que Deus se faz acessível.

O cristão está chamado a procurar os sinais desta acessibilidade naquelas expressões que constituem a vitalidade humana. Esta vocação identificadora comporta a exigência básica do discernimento (cf. Ef 5, 10 e 17).

O que agrada a Deus e o que significa a busca e o conhecimento da Sua vontade são a mesma coisa e estão directamente relacionados com o discernimento (cf. Rom 12, 2; 14, 8; 2 Cor 5, 9; Col 3, 20).

É ele que ajuda a descobrir aquela vontade salvífica, distinguindo o que a revela ou oculta, as expressões que a sugerem ou anunciam. É ele que leva a reconhecer e a comprovar o que se encontra, identificando-o cuidadosamente a fim de reter o que

é autêntico e bom, e rejeitar o falso e o mau. É ele que antecipa, de algum modo, o juízo de Deus sobre as situações humanas, dando consistência à verdade e à justiça e desmascarando a mentira e a fraude. É ele que favorece o crescimento para a adulez evangélica do cristão chamado à maturidade. É ele que, no meio das vicissitudes do tempo presente e das confusões do espírito, dá garantias fundadas de segurança a quem pretende sinceramente acertar.

O discernimento, assim entendido, comporta exigências espirituais e metodológicas que convém examinar, ainda que brevemente.

Faço-o, centrando a reflexão no discernimento comunitário em ordem à acção pastoral coerente.

### 1.6. Espiritualidade do discernimento comunitário

Os mestres espirituais, preocupados com os caminhos da perfeição cristã, reflectiram e aplicaram o discernimento (exigências interiores e 'técnicas' metodológicas) de diversos modos.

Um desses modos — aquele que Santo Inácio de Loyola elabora e propõe nos Exercícios Espirituais — adquire lugar de relevo na espiritualidade cristã pelo seu valor paradigmático e pelo uso e difusão que lhe faz a escola jesuítico-inaciana.

Refere-se fundamentalmente ao discernimento pessoal (que comporta sempre a abertura e a relação ao outro na pessoa do conselheiro ou director espiritual), mas pode legitimamente estender-se ao grupo apostólico, à equipa de programação, à comunidade eclesial e aos seus organismos.

A legitimidade explica-se porque o discernimento é feito sempre por pessoas que procuram identificar a Vontade de Deus nas situações concretas da vida, em ordem a tomarem as decisões e atitudes mais conformes com essa Vontade, assumindo o que se descobre, e prosseguindo as iniciativas que lhe dão realização.

Como caminho a percorrer em conjunto, o discernimento comporta exigências espirituais que convém atender cuidadosamente, merecendo realce especial o 'despojamento' interior tanto de si mesmo como de tudo o que o encerra ou inibe, e a promoção da sua abertura progressiva àquilo que Deus

lhe queira conceder. Esta abertura-acolhimento gera um novo modo de ser e de agir que se expressa:

- Na atitude teologal (ruptura com o pecado em todas as suas formas e adesão cordial ao projecto de Deus);
- No reconhecimento sincero de que Deus concede, de muitas maneiras, a graça da iluminação discernidora, mas sobretudo pela oração humilde e recolhida, pelo estudo persistente, pela relação fraterna, pela interpegação crítica, pelo diálogo institucionalizado e pelo consenso alcançado;
- Na conquista da liberdade interior, que é sempre dom do Espírito; liberdade perante o tempo que tende a encerrar-nos nos seus limites e a condicionar-nos com os sentimentos que em nós desperta, perante as coisas das quais 'dependemos' e nos criam um ambiente redutor, perante os outros que nos ameaçam e inibem, perante o próprio Deus que, tantas vezes, reduzimos à projecção do melhor que há em nós ou do que surge na experiência do nosso peregrinar;
- Na escuta atenta da Palavra e no compromisso dinâmico e audaz que ela suscita e exige;
- Na capacidade de avaliar com realismo prudente os dados da situação que se analisa;
- Na prontidão para a mudança, caso a opção pelo melhor a revele e exija;
- Na aceitação humilde e agradecida dos passos dados e dos logros alcançados;
- Na coragem pascal de tomar decisões, mesmo quando não se dispõe de todos os dados ou estes não oferecem a segurança de uma certeza conclusiva; tomar decisões que, embora provisórias nas suas formas e no seu conteúdo, exigem ser assumidas como definitivas porque, por elas, temos acesso e entramos em sintonia com o querer de Deus, e fazemos a experiência de salvação que nos é oferecida;
- No estilo de vida tipicamente evangélico, caracterizado pela simplicidade de maneiras, pela presença solidária, pela vigilância atenta, pela procura constante

da Vontade de Deus e pela realização pronta do que Lhe agrada.

### 1.7. Técnicas metodológicas e discernimento pastoral

O discernimento pastoral, como busca em conjunto, supõe e exige o uso de 'técnicas' metodológicas que facilitem o itinerário a percorrer e ajudem a confluir vontades diferentes.

As 'técnicas' não significam o 'aprisionamento' do Espírito, nem a planificação mecânica da liberdade humana. São, antes, fruto da racionalidade humana e constituem uma possibilidade posta ao serviço da caminhada em conjunto, que uma comunidade pretende fazer, para delimitar progressivamente os sinais reveladores e identificadores da Vontade de Deus e optar conscientemente por ela.

Um itinerário possível, ainda que reduzido aos seus momentos mais importantes, é o seguinte, que se inspira nas propostas do Movimento por um Mundo Melhor:

- Proporcionar a quem vai viver o processo um clima espiritual caracterizado pela fé na presença de Deus nos outros, pela esperança de se conseguir algo melhor, pela caridade que leva a oferecer o que se tem e sabe para ajudar os demais e a criar possibilidades para avançar.
- Precisar com exactidão o tema ou o campo que se pretende discernir; isto supõe clareza de conceitos, informação objectiva abundante, acerto de metodologia.
- Começar com um tempo de oração-reflexão pessoal para serenar interiormente e invocar as luzes do Senhor, procurando elaborar e formular a resposta de cada um em ordem a que este a possa expressar com clareza.
- Partilhar em reunião posterior, sendo necessário em dois momentos diferentes, a experiência religiosa que o exercício anterior provoca e os dados pessoais alcançados.
- Fazer um outro tempo de oração-reflexão sobre o que se consegue com a partilha anterior, dedicando atenção especial ao novo que surge (fornecido pela comunicação dos outros ou entretanto descoberto pelo próprio),

ao conjunto dos dados e a uma possível convergência de sentido.

- Promover outro encontro para pôr em comum a reflexão havida, indicar a opção preferente encontrada e questionar as razões objectivas subjacentes.
- Proporcionar um novo espaço de oração pessoal e comunitária a fim de que cada um dos 'discernidores' possa formular a opção definitiva que lhe parece a indicada pelo Espírito Santo no processo vivido.
- Comunicar em assembleia essa opção, procurar algum acerto que ainda seja necessário (em caso de haver acordo no fundamental); de contrário, suspender a sessão e dar tempo para amadurecimento das razões e, sendo necessário, começar de novo, ou havendo urgência, optar pela que está mais conforme com a Palavra de Deus, os ensinamentos da Igreja e os valores contidos nos sinais dos tempos.
- Apresentar, a quem de direito, a opção tomada para que, sendo esse o caso, a confirme e oficialize e dê seguimento ao processo (programação pastoral).

## 2. PROGRAMAÇÃO PASTORAL

Identificada a Vontade de Deus para a situação concreta que acaba de ser analisada, e feita a opção pelos valores que a expressam e se pretendem alcançar, surge conseqüentemente a pergunta: Como ser coerente, dando corpo à realização da opção tomada, de tal modo que se avance em conjunto para aquilo que Deus quer e se 'experimente' este querer de Deus em cada passo dado?

Esta pergunta básica contém muitas outras, sendo de referir as seguintes, pela sua importância: A situação ideal, expressa nos valores, como chega até nós ou quais as linhas gerais de acção que fazem com que aquele ideal se torne acessível no contexto real em que se encontram as pessoas? Que critério manter para que haja coerência entre o ideal em si mesmo e as porções em que se desdobra para ser progressivamente concreto e acessível? Na situação vivida e sofrida, que dinâmismos estão orientados na perspectiva do ideal pretendido e que forças se lhe opõem? Com que elementos (recursos) se conta

realmente para organizar a resposta a dar em conjunto, avançando no caminho traçado? Por onde começar?

Clarificadas estas interrogações, é altura de programar a acção ou as acções concretas articuladas em processo que ajude, em cada momento, a dar o passo possível e a fazer a experiência do valor indicado.

De passo em passo, se percorre o caminho e se vai experienciando a presença amiga de Deus. Em cada momento, mediante a experiência feita, emerge o tempo da salvação. Com a variedade das maneiras — eco da riqueza dos dons de Deus — atende-se à diversidade das situações humanas. Com a programação das acções em processo, entra-se mais facilmente em sintonia com todos e favorece-se a eficácia apostólica. Com a programação pastoral, organizam-se racionalmente os recursos humanos para criar as condições em que Deus possa agir livremente.

Tudo isto supõe métodos e uma espiritualidade que convém examinar, ainda que brevemente, e apresentar os elementos fundamentais de toda a programação.

### 2.1. Elementos da programação

O homem, ao agir racionalmente, precisa de saber o que pretende alcançar com a sua acção, o porquê da meta estabelecida no tempo e desejada intensamente, como prosseguí-la, quando e onde se realizam as iniciativas marcadas, quem se responsabiliza pela sua realização, e os recursos de que pode dispôr como meios (materiais e humanos).

Estes são os elementos básicos do agir racional do homem e, quando todos se articulam correctamente, a pessoa experimenta a segurança que lhe proporciona a sua liberdade criadora, sente-se progressivamente mais pessoa pois desabrocha capacidades adormecidas, afirma claramente o seu senhorio sobre as coisas, colabora responsabilmente no projecto de humanização e revela a sua dignidade original: ser imagem e semelhança de Deus.

De facto, o homem ousa programar e fazer planos porque Deus propõe e organiza a salvação em modalidades de plano salvífico.

A proposta e organização do plano de Deus realiza-se de muitos modos, atingindo na experiência bíblica uma modalidade especial — a de um povo que, como conjunto, é chamado a ser família de Deus, vivendo com Ele e participando já da Sua vida divina.

De todos os elementos básicos apontados, dois merecem referência especial. São eles o por quê da meta e o como alcançá-la.

O por quê contem necessariamente a justificação ou seja a apresentação das razões objectivas e claras que motivam a prossecução da meta fixada. Estas razões sistematizam-se normalmente em três núcleos: o da situação real, com suas potencialidades a desenvolver e seus obstáculos a superar; o do ideal a alcançar que se concretiza na meta estabelecida, com seus valores teológicos que expressam a Vontade de Deus, aqui e agora; e o do passo possível a dar, que explicita o tipo de conversão e de compromisso a assumir por todos e cada um dos que estão envolvidos no processo<sup>8</sup>.

O como alcançar a meta exige a explicitação clara e pedagógica do método a seguir e que abrange tanto os conteúdos da mensagem (palavra e gestos acessíveis) como o processo de organização das acções e das correspondentes dinâmicas, que fomentam e canalizam a participação.

É esta participação — que o método visa e favorece — que constitui a prova do acerto metodológico usado. É esta participação que cria condições para a experiência dos valores propostos e para a descoberta de que vale a pena estar presente e corresponder. É esta participação que vai abrindo à comunhão e a revela. É esta participação que pode provocar o encontro experiencial com Deus.

<sup>8</sup> Cf. *De massa a Povo de Deus — projecto pastoral*, 5, Lisboa, Movimento por um Mundo Melhor, s.d., 14.

## 2.2. Métodos e teologia espiritual

O agir racional do homem implica métodos, ainda que elementares. Tanto o preparar de uma refeição ou o fazer de uma casa como o montar uma cadeia de automóveis supõe um conjunto de coisas, postas em determinada ordem, articuladas entre si, para alcançar mais facilmente o que se pretende.

O uso (e o recurso) aos métodos na acção pastoral é justificado por razões de ordem antropológica, histórica e teológico-pastoral<sup>9</sup>.

Pela sua relação com o nosso tema, torna-se necessário explicitar estas últimas.

Ao assumir a natureza humana pela encarnação, Deus entra na história e actua normalmente de harmonia com as leis que constituem a racionalidade do homem. Não sendo assim, nega-se a lei central da revelação cristã.

Deus faz-se carne em Jesus Cristo pelo Espírito Santo e quer continuar a 'encarnar-se' nos crentes, habilitando-os para realizarem a Sua vontade, vivendo e testemunhando o Seu projecto de salvação.

Consequentemente, a racionalidade humana assumida por Deus em Jesus Cristo expressa-se na acção pastoral. É esta que, mediante métodos inteligentes, coopera com o Espírito Santo na realização do Plano de Salvação, preparando pessoas para acolherem e responderem a Deus e moldando os crentes para 'reproduzirem' a imagem de Seu Filho.

A acção pastoral é assim fruto da caridade com que Deus ama o mundo e faz parte do Seu plano salvador.

Como fruto da caridade, nasce do dinamismo da comunicação divina e está ao serviço da mesma, tendendo a expandir-se a criar novas energias, a provocar novas 'encarnações', a suscitar respostas, a usar mediações.

A caridade sente, num feliz resumo de Paulo VI numa das suas alocuções aos Padres Conciliares, «a necessidade de

<sup>9</sup> Cf. J. B. CAPPELLARO, *De masa a Pueblo de Dios*, Madrid, PPC, 1982, 146-148.

conhecer, de aproximar-se, de compreender, de penetrar, de servir, de evangelizar a sociedade circundante e de a acolher, quase de a perseguir na sua rápida e contínua mudança».

Esta necessidade, hoje, não pode ser satisfeita sem métodos de investigação, nem itinerários de discernimento, nem tempos fortes de oração, nem hábitos de programação.

São estes que facilitam o aproveitamento dos recursos humanos para Deus realizar a sua obra, proporcionando ao homem a experiência gratificante da cooperação (cf. Gal 5, 22).

Como parte do Plano Salvador, a acção pastoral está marcada pela cruz pascal que supõe a aceitação humilde das limitações, o reconhecimento da precariedade de todo o provisório alcançado, o esforço tenaz e abnegado para prosseguir em conjunto a procura e a realização do melhor possível, a abertura e o relacionamento com os demais, a observância das regras comunitárias, a disciplina dos métodos, a ascese da mudança que exige — quando necessário — o abandono das certezas e posições adquiridas para assumir as propostas dos outros, ainda que pareçam menos consistentes.

A acção pastoral implica sempre um estilo de vida e de itinerário espiritual que nos vai conformando com a Vontade de Deus, mediante a ascese praticada no contexto dinâmico que caracteriza a nossa época (G.S. 5).

Os métodos a usar não podem deduzir-se do Evangelho, mas são fruto das ciências humanas e devem ser objecto de discernimento da parte de todos os que recorrem ao seu apoio para alcançar a finalidade pretendida.

«Neste sentido a elaboração e o uso dos métodos fazem parte da experiência e do estilo de vida de uma comunidade cristã, que pretenda viver aberta, na escuta, na procura, na selecção e na actuação da Vontade de Deus»<sup>10</sup>.

Conseqüentemente, a acção pastoral como serviço-resposta da Igreja ao amor misericordioso de Deus que expressa o querer salvífico e com Ele coopera aqui e agora, dentro da sua condição humana, necessita de mediações instrumentais e, nestas, de métodos de programação orgânica e dinâmica.

<sup>10</sup> *Ibidem*, 151.

Assim, o Espírito pode guiar a Igreja para a verdade, unificá-la na comunhão e no ministério, embelezá-la com os seus frutos, renová-la incessantemente e conduzi-la à união consumada (L.G. 4).

Os métodos, entendidos como acaba de ser exposto, constituem uma condição indispensável na economia da salvação para 'dar espaço' humano ao Espírito Santo e colaborar na Sua acção santificadora.

### 2.3. Guia de programação

Os santos usaram, explícita ou implicitamente, métodos de acção, sujeitando-se à sua disciplina como expressão da caridade e do 'combate' espiritual da fé (as armaduras da fé de que fala S. Paulo em Ef. 6, 16; 1 Tim 6, 12; 1 Tes 5, 8), na esperança de lograr o que pretendiam. Alguns chegaram mesmo a criá-los e a propô-los como caminho de santificação (Santo Inácio, Santa Teresa, S. João da Cruz, entre outros).

O mesmo acontece na acção pastoral, como se vem sucintamente apresentando.

Sem métodos, esta acção fica sujeita à improvisação e ao 'espontaneísmo' dos responsáveis, à dispersão dos elementos, à repetição monótona e ritualizadora das formas e a tantas outras 'desviações' do proceder que acabam por desumanizar a pessoa e ser indignas do Espírito Santo.

Sem métodos, as capacidades racionais do homem — cooperator indispensável do Senhor na obra de salvação — não se valorizam devidamente.

Assumindo a necessidade dos métodos e reconhecendo a sua variedade, proponho um como guia de programação<sup>11</sup> no âmbito específico da experiência cristã de Deus.

2.3.1. Tendo em conta a meta que se pretende alcançar (cf. 2.1.), faz-se a lista dos recursos existentes e se podem razoa-

<sup>11</sup> Cf. *De massa a Povo de Deus*, 15-21.

velmente utilizar. (Estes recursos podem ser tão diversificados como as dimensões do ser humano: culturais, religiosas, materiais..., e conhecem-se a partir da análise da realidade).

A existência de recursos é sempre ponto de partida para a elaboração do programa pastoral; de contrário, terão de criar-se, procurando algumas mediações que facilitem a ponte entre a situação vivida (e deve ser superada) e o ideal desejado, colocado já no tempo (meta a alcançar).

Além dos recursos, é preciso examinar aquilo que existe realmente e constitui obstáculo ao que se pretende alcançar ou que contém autênticas potencialidades.

Este exame 'mergulha-nos' na realidade e faz-nos viver uma experiência original que encontra a sua expressão máxima na encarnação de Jesus Cristo. É a partir de dentro das situações que a salvação, sempre transcendente, toma rosto concreto.

2.3.2. Faz-se uma sequência lógica e pedagógica dos valores (porções) em que se desdobra o ideal formulado na meta a alcançar.

A sequência estabelece-se partindo do ideal, avançado por valores que o expressem cada vez mais acessivelmente às pessoas até fazer a articulação com a situação em que elas se encontram e que é necessário evangelizar.

Esta sequência vai constituir, na realização dos programas, o itinerário a seguir tornando possível, passo a passo, a experiência dos valores em que se revela, aqui e agora, a Vontade de Deus.

2.3.3. Tendo em conta a lista dos recursos e a sequência dos valores, escolhe-se o melhor recurso para o valor correspondente e faz-se a sua distribuição no calendário estabelecido (anual ou mais). Nasce assim as iniciativas dos programas pastorais que, à semelhança da acção do escriba do Evangelho, valorizam a arca do recurso onde se encerram coisas novas e velhas (valores).

O acerto da distribuição condiciona o itinerário da evangelização e a experiência espiritual. Deve por isso ser cuidado-

samente procurado, atendendo às potencialidades dos recursos e à progressividade da sequência das iniciativas.

2.3.4. Configurado o que se pretende alcançar e delimitados os recursos, procede-se à justificação de cada iniciativa. Explicita-se coerentemente o porquê da sua escolha-proposta (cf. 2.1.).

Esta justificação contém a mensagem a anunciar (palavra e gesto) que é resposta à situação vivida e se quer, gradualmente, ir transformando.

2.3.5. Define-se depois o processo da acção, descrevendo o como alcançar o que foi estabelecido.

Dos recursos utilizáveis e das possíveis iniciativas a realizar, seleccionam-se os que estão mais adequados ao que se pretende, e garantem maior eficácia com menor desgaste de energias.

Esta selecção exige ponderação e clarividência, e 'aproxima' a acção de programar à atitude do homem do Evangelho que quer edificar uma torre ou organizar uma operação militar (cf. Lc 14, 28-32).

Escolhidas as acções, explicitam-se todos os aspectos da sua organização: conteúdo e partes de que consta, como se desenrola, datas, locais e responsáveis.

2.3.6. Elabora-se finalmente o cronograma de todas as iniciativas programadas e verifica-se a sua coerência e factibilidade.

No cronograma, indica-se com clareza o tempo necessário para cada acção (preparação, realização...), apontando as respectivas datas. Perante o mapa do conjunto, vê-se mais facilmente a sequência temporal e se há ou não sobreposição de datas, períodos longos sem qualquer iniciativa, distribuição proporcionada no tempo e sobrecarga dos responsáveis.

Elaborar um cronograma é uma questão técnica que implica ter noção da realidade e do tempo, conhecer as leis da psicologia humana que periodicamente necessita de estímulos, sobretudo a psicologia colectiva, querer intervir positivamente para que no hoje fugaz dos homens emergja e se realize o 'hoje' eterno de Deus.

A coerência do processo é fruto da revisão do programa elaborado, revisão que envolve a meta e os seus valores, a justificação e a descrição de todos os elementos das acções, a fixação das datas e a indicação dos locais e dos responsáveis.

Para haver coerência, a meta tem de ser a resposta evangélica àquela situação, valorizando os recursos existentes e suas potencialidades, e superando os obstáculos correspondentes.

A justificação das iniciativas há-de ser afirmativa e convincente. Os elementos da acção devem estar progressiva e pedagogicamente apresentados, e o cronograma ser viável.

A factibilidade deduz-se da análise do cronograma, como fica referido, e do orçamento que as exigências económicas da realização do programa (plano) sempre comportam. Se estas não forem atendidas, também algumas iniciativas programadas não podem ser efectuadas.

Assim se obtém a harmonia do conjunto e se faz a verificação da sua coerência. A partir destes elementos, pode elaborar-se a proposta que visa motivar a aceitabilidade por parte de todos (ou da maior parte) os que animarão ou beneficiarão do que foi programado.

A harmonia do conjunto e a verificação da coerência são fruto de pequenas coisas, da atenção delicada às pessoas, da vontade constante de servir, da procura do melhor possível que revela a Vontade de Deus. Fazem parte daquela vida espiritual que caracteriza o discípulo de Cristo e o leva a exclamar de novo: «Bendigo-Te, o Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos» (Lc 10, 21).

#### 2.4. Programação Pastoral — atitude coerente

A programação pastoral tem um sentido teológico-espiritual profundo e consistente. Sendo técnica humana e fruto de métodos sociológicos reconhecidos pelas ciências da acção, comporta elementos específicos que a credenciam como espaço e oportunidade para uma autêntica experiência de Deus.

A meta é aquilo que nos surge, em consciência, como Vontade de Deus, depois de um itinerário sério de discernimento comunitário (cf. 1.6. e 1.7.). A partir daí, só uma atitude pode

ser assumida: Organizar todos os recursos e energias para realizar esta Vontade. Nisto consiste a programação.

Descrever aquela atitude e apresentar o seu sentido profundo são os objectivos que prossigo, ainda que resumidamente.

2.4.1. O sentido teológico-espiritual da programação pastoral está não em pretender 'aprisionar' o Espírito ou limitar a criatividade inteligente do homem nuns esquemas fixos ou em programas-standars, mas em discernir conscientemente os passos a dar a fim de que a realidade vivida se vá conformando à Vontade de Deus.

A espiritualidade e a técnica do discernimento ficam indicadas em 1.6. e 1.7. A conformação da realidade com a vontade divina é o que se aprofunda agora.

Conformar-se é fazer sua a 'forma', o querer, o modo de agir e de ser de alguém. Neste caso é o de Deus, expresso nos valores consignados na meta. Assim, à medida que descobrem, celebram, reflectem, experimentam e assumem estes valores, as pessoas entram em comunhão com Deus e vão-se conformando com a vontade divina.

Mediante as suas capacidades (intuição, inteligência, vontade e liberdade, sobretudo), o homem encontra e organiza os meios que expressam aqueles valores e ajudam a dar estes passos. Realiza assim uma função semelhante à da mãe ou à dos irmãos de Jesus (cf. Mt 12, 50), edificando o corpo de Cristo, graças à caridade operativa (cf. Ef 4, 15 e 16).

Fazer então a Vontade de Deus é constituir o 'corpo' de Jesus Cristo pela realização dos programas pastorais (cf. 2. 1.). Neste facto radica o sentido teológico-espiritual mais profundo e interpelante do acto de programar (programação) e da sua efectivação posterior, e dos seus métodos.

2.4.2. A observância dos métodos pastorais implica sempre uma ascese (cf. 2.2.), sobretudo quando se programa e, criativamente, se realiza o programado.

É a ascese que caracteriza a atitude dos que fazem da programação a procura necessária e a realização solícita do que Deus quer realmente, aqui e agora.

É ela que está marcada pela disciplina metodológica, livremente assumida como garantia e exigência de que o que se faz é coerente com o que se quer e com o que se é. É ela que, imbuída de caridade, se expressa em serviço aos demais para que estes atinjam o bem maior que consiste na união com Deus (S. Tomás). É ela que, contrariando as tendências desagregadoras do homem, o faz encontrar-se consigo mesmo e a sua realidade envolvente, e lhe proporciona condições para uma experiência frutiva de Deus. É ela que, revestida da paciência da esperança, alenta o homem peregrino a viver a sua finitude como a única possibilidade, aqui e agora, de se abrir ao Infinito de Deus, e o dispõe para saborear e contemplar, desde já, a comunhão plena, embora não definitiva..

É ela que toma a forma da cruz pascal, anunciando em cada momento, mesmo da 'noite escura' mais intensa, a aurora transformante da ressurreição e a mística do homem novo possuído pelo amor expansivo de Cristo.

### 3. TRAÇOS MAIS COMUNS DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ E DA ATITUDE DE PROGRAMAR

Repassando o que se descreve em 1. e em 2., verificam-se alguns aspectos que nos permitem uma última reflexão e abrem pistas a ulteriores aprofundamentos. Com ela concluo o presente trabalho, deixando claro — espero — o valor da programação pastoral como 'âmbito' em que pode dar-se também a experiência cristã de Deus.

Na apresentação desta reflexão, procuro cotejar os elementos principais da experiência e da programação, não em quadro sinóptico, mas em narração descritiva. Cada afirmação da experiência religiosa é acompanhada pela correspondente verificação pastoral.

- A experiência religiosa cristã está centrada em Jesus, no modo originalíssimo como se relaciona com Deus, na forma peculiar como vive a missão que o Pai lhe entrega, assumindo atitudes que se tornam paradigmáticas para todos os seus discípulos;

- O núcleo dinâmico da programação pastoral que dá sentido e aglutina todos os seus elementos é a Vontade de Deus, revelada em Jesus Cristo e expressa em valores que, aqui e agora, dão resposta a uma situação concreta.
- A Igreja nasce pelo Espírito Santo da experiência única e da missão fundamental realizadas por Jesus Cristo, de Quem é sacramento; fica assim constituída no seu ser mais original: sacramento da comunhão circulante entre as Pessoas divinas; recebe também a sua missão mais fundamental: tornar transparente e irradiante a energia que a impregna e vitaliza, adoptando as atitudes coerentes;
- Os elementos da programação visam proporcionar as condições necessárias para que as pessoas se disponham a tomar parte e façam algum tipo de experiência religiosa que lhes seja agradável e estimulante; por isso se clarificam conteúdos e se justificam motivações, em ordem a avançar progressivamente e a 'lançar' a base humana por onde perpassa a energia divina.
- O sacramento radical que a Igreja universal constitui toma forma histórica nas Igrejas locais diocesanas e nas comunidades eclesiais em que estas se organizam para testemunhar a comunhão e dinamizar a missão;
- A organização eclesial está profundamente relacionada com os métodos que expressam e fomentam os valores nela contidos; sem estes, aquela degenera e torna-se obstáculo pesado; com estes, a organização converte-se em organização-mensagem; são eles que oferecem a normal estrutura racional para o agir livre de Deus; são eles que configuram acessivelmente o grande sacramento que é a Igreja.
- O contexto envolvente em que as comunidades se encontram caracteriza-se por uma situação dinâmica, uma mudança cultural profunda e complexa — o que provoca perplexidade no espírito humano e exige atenção ponderada;
- Superar esta perplexidade e praticar a ponderação de modo que se possa ver mais claro e fazer a correspon-

dente opção é o que pretende o discernimento autêntico; como o que se procura identificar é a própria Vontade de Deus para tomar partido por Ele, o discernimento faz-se no Espírito, obedecendo a regras comunitárias.

- Preside à marcha da história e anima a sua evolução constante o Espírito do Senhor que, perpassando nos acontecimentos, revela a sua presença e aponta rumos de futuro à esperança humana;
- O futuro emerge no presente mediante a meta estabelecida, ao serviço da qual se mobilizam os recursos necessários, pedagogicamente organizados e colocados no tempo; deste modo se coopera com o Espírito-animador de todos os programas pastorais.
- O homem — que tem o selo de Deus no íntimo mais profundo de si mesmo — anela por descobrir, nas criaturas e no tempo, os vestígios do Senhor, e encontrar-se com Ele em algum 'âmbito' acessível ao ser humano;
- Este âmbito é constituído pelas mediações humanas; é nelas que se discerne a presença-apelo de Deus; é por elas que esta presença-apelo se configura em valores acessíveis ao homem; é com elas que cada um se vai identificando e aceitando a Vontade de Deus, progredindo na conformação divina; são elas, conseqüentemente, que na sua relatividade histórico-cultural, constituem o centro propulsor da programação pastoral, tornando efectiva a caridade; são elas que possibilitam normalmente a experiência gozosa do ministério pastoral ao serviço da santidade e da unidade de vida dos agentes.
- Ao anelo humano, alimentado pelo esforço, corresponde o dom divino, originando-se um itinerário de procura e de identificação da oferta de Deus sempre acessível e sempre transcendente;
- Este anelo desabrocha no encontro feliz, sempre que se reconhece o valor do esforço feito e que o acto de programar comporta, e se verifica a resposta generosamente possível, realizando o que foi programado; a

ascese impregnada de caridade torna o homem disponível para o bem maior — a união com Deus.

**Concluindo**, o encontro havido em Jesus Cristo e corporizado agora na Igreja pelo Espírito Santo é prosseguido pela programação pastoral que constitui uma das formas mais específicas de, em comum, procurar e realizar a Vontade de Deus.

Deste modo se cria uma possibilidade-resposta à aridez espiritual do nosso tempo, à frieza das técnicas metodológicas e à abstracção das teorias sobre a programação pastoral.

É uma possibilidade-resposta que amplia o campo tradicional da experiência religiosa. É uma possibilidade-resposta que pretende dar um contributo, à sua maneira, para que os métodos pastorais sejam efectivamente assumidos e valorados pela Igreja, e a programação do trabalho eclesial esteja imbuída de sentido teológico-espiritual.

*Georgino Rocha*